



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ESTADO E CAPITALISMO: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DO PODER PARA O CONTROLE DA SUBJETIVIDADE

Marx Eduardo Magalhães Dias de Sá*
(UESB)

João Diógenes Ferreira Dos Santos**
(UESB)

RESUMO

O presente texto reflete acerca do papel do capitalismo e do poder no controle e na fabricação em massa de uma subjetividade a ser servida a todos. Propõe uma análise crítica da produção do poder subjetivo como uma das formas de obtenção do lucro capitalista, através da padronização das relações do homem com o mundo e consigo mesmo. Salienta a importância dos processos de subjetivação do homem frente às adversidades, inventando novos modos de existência, capazes de resistir ao poder. O ponto de partida que estimulou a criação do presente texto foi um projeto de pesquisa e intervenção realizado no ano de 2007, no bairro das Pedrinhas, no município de Vitória da Conquista Bahia, no qual, um dos objetivos era estudar as diversas manifestações da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, Poder, Capitalismo.

INTRODUÇÃO

A motivação para a produção desse texto se deu a partir de um trabalho de pesquisa e intervenção realizada no bairro Cruzeiro da cidade de Vitória da

* Psicólogo, Pós-graduado no Curso *Lato Sensu* em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação da UESB.

** Doutor em Ciências Sociais, professor adjunto da universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e pesquisador do Museu Pedagógico - UESB.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Conquista, Bahia, por uma equipe multidisciplinar (Pedagogia, Psicologia, Enfermagem) com a finalidade geral de enfrentamento da violência naquela comunidade. O trabalho fez parte de um Projeto da Secretaria Municipal de Saúde de Vitória da Conquista, em parceria com o Ministério da Saúde no ano de 2007. O bairro das 'Pedrinhas' (Cruzeiro), como é conhecido no município, conta com uma população de 5.704 habitantes (DATA SUS, 2007) e uma parte territorial fica localizado numa região central e outra parte numa região mais distante do centro comercial da cidade.

Foi observado durante o período de realização de tal projeto que, apesar de ser um bairro antigo da cidade, sofre ainda com o descaso do Estado, envolvendo desde questões físicas, até questões sociais ligadas diretamente ao cotidiano da população. O bairro das Pedrinhas se encontra entre as áreas consideradas críticas e carentes de maior atenção do poder público.

O ponto de partida da pesquisa e intervenção no ano de 2007 foi o próprio bairro, ou seja, o momento em que o mesmo começa a fazer parte da nossa reflexão e da nossa composição enquanto pesquisador. E como base física dos encontros entre os pesquisadores e os moradores, bem como funcionários dos aparelhos públicos não moradores do bairro, mas que também compõe e vivencia a dinâmica daquela comunidade, fora escolhido o PSF (Saúde da Família) do próprio bairro.

A primeira atividade delineada foi o conhecimento do bairro. Dada a partida inicial, corpos sensíveis foram jogados de forma intensa, num devir repleto de outros corpos também sensíveis que compõe diariamente formas coletivas e particulares de produção e vivência no ambiente.

Teve início, desta forma, o processo de observação participante no Bairro. Todo o bairro é um campo de fluxos. Observar o bairro é, também, registrar aquilo que os sentidos presenciam num determinado momento, mas isso está além de uma definição consistente do que seja o mesmo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As duas primeiras reuniões no bairro aconteceram no Posto de Saúde nos dias 18 e 19 de janeiro de 2007 e contou com a participação de membros da equipe do PSF: odontóloga, Agentes Comunitários de Saúde (ACS), Auxiliar de consultório dentário e uma pessoa responsável pelos serviços gerais.

Nos relatos emitidos pelos ACS sobre o bairro, ficou claro a carga energética emocional a que são acometidos, quase que diariamente, em seu trabalho, justamente por estarem em contato direto com as situações de violência da comunidade, bem como presenciando toda a sua complexidade.

Foi acordado que seriam realizadas visitas dos pesquisadores no bairro acompanhados pelos ACS, com o objetivo de realização de um reconhecimento local, para a coleta das primeiras impressões sobre a comunidade em estudo. A partir de então, iniciamos o trabalho de observação do bairro percorrendo suas vias e veias, numa tentativa de fazer parte do contexto do bairro Pedrinhas.

O que movimenta o desejo pela presente análise é a busca do entendimento de como as pessoas em situações de violência se subjetivam, se movem, produzem desejos e vibram com seus corpos. É buscar entender, ainda, como esses corpos vão aos encontros de outros e produzem as intensidades vitais para continuar existindo, como lidam com as estratégias do poder que modela e fabrica formas enrijecidas de subjetividade e como se dão esses constantes processos de desterritorializações e subseqüentes territorializações que possibilitam cartografar o bairro como um plano de imanências onde é possível deixar-se afetar e ser afetado (BITENCOURT, 2009).

O problema dessa análise vai para além da busca pelo entendimento dos processos de subjetivação dos moradores do bairro das Pedrinhas. Vale ressaltar que é preciso se pensar esses moradores como sendo sujeitos inseridos numa ordem capitalista. Numa ordem que, segundo Guattari e Rolnik (2005), é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica. “Ela incide nos esquemas de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto, etc” (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 51).

A Metodologia como Afeto (Cartografias)

Como foi dito acima, a discussão teórica sobre a análise das estratégias do poder no controle das subjetividades que se seguirá no presente texto, teve como fio condutor as ações desenvolvidas ao longo de um ano (2007) no Bairro Pedrinhas e dos dados advindos da pesquisa, que servem como mola propulsora para cada novo passo dado.

Para isto, buscamos em 2007, assumir no Bairro uma postura ética – isto é, sem pré-julgamentos de valor – e inserindo-nos na realidade cotidiana do bairro, como bem diz Rolnik (2006, p. 66), “descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com outros corpos que pretende entender”.

Estar a campo, pesquisando e intervindo numa comunidade específica é estar atento às transformações e formações dos desejos produzidos no espaço, é ser fundamentalmente um cartógrafo, ou seja, perceber e entender de forma prática e intensa as estratégias dessas formações no campo social (ROLNIK, 2006).

Para Bitencourt (2009, p.88) qualquer “fenômeno há formação do desejo, que é constituído no campo social, através de diferentes estratégias”. A autora ainda sinaliza que o papel do pesquisador cartógrafo é estar atento a essas estratégias, e que o cartógrafo, “ao mergulhar no campo de pesquisa, se compõe, se constitui, juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha, portanto, absorve matérias de qualquer procedência”. (BITENCOURT, 2009, p. 88).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Sendo assim, é importante estar atento ao acontecimento do espaço, composto por homens se relacionando com outros homens e com a natureza, a um devir totalmente em abertura corporal, em que a análise permita de forma ética e saudável um encontro dos corpos, que nos levam a lugares novos.

Analisar os jovens do bairro das Pedrinhas e as estratégias que utilizam para continuarem existindo e se subjetivando, nesse contexto socioeconômico de fábricas e modelos estáticos e prontos de subjetividade, é antes de tudo, uma prática cartográfica. É buscar um pensamento e uma prática desobediente a ordem capitalista e positivista que pauta o olhar da pesquisa em geral. É buscar, segundo Rolnik (2006), diferentes espécies de pensamento, diferentes concepções de desejo, diferentes tipos de psicólogos, bem como psicologias diferentes. É ser fundamentalmente um cartógrafo. “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de se expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado” (ROLNIK, 2006, P. 65).

Para Rolnik (2006), o método ou o manual do cartógrafo consiste num critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações. Sendo que esse roteiro vai sendo definido constantemente pelo próprio pesquisador. O critério de avaliação do cartógrafo é o grau de intimidade que cada um se permite a cada momento e tem um princípio básico de ser um pesquisador extramoral, ou seja, um analista do desejo, político (sem o poder da supremacia) e principalmente, ser um pesquisador ético.

O Ataque das Máquinas: o Poder no controle da subjetividade

Apesar da escolha de um local específico para a realização do trabalho prático, a violência será discutida como um tema que atualmente tem grande repercussão mundial, pelo fato de estar acometendo toda a população e trazendo

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

transformações nos modos de pensar e agir, bem como na construção de novas subjetividades inseridas nesse contexto de realidade social.

Em termos práticos, vemos o esforço do Estado brasileiro em não promover políticas públicas de ações sociais realmente transformadoras, em especial, nas periferias. A ação efetiva do Estado na sociedade, principalmente nas comunidades onde o índice de desemprego e de violência é alto, vem muitas vezes carregada de uma verdade instituída, negando o contexto sócio-cultural do espaço específico, julgando o que é bom e o que é ruim, em verdades absolutas. Tudo isso, sem participação do cotidiano da comunidade, sem entender e respeitar os desejos e os modos de subjetivação¹⁹⁴ que estão sendo ou podem ser produzidos ali.

É um desejo entendido por meio da falta. O Estado se coloca no lugar de objeto (esperança) a ser investido pela população. E esse investimento traz sérios danos existenciais a quem investe. Fuganti (2007, p. 3), postula que “sempre que a gente foca o nosso desejo num objeto, algo falta ao nosso desejo [...] Na medida em que falta algo ao desejo, falta algo essencialmente à existência”. É nesse momento que a “existência se torna imperfeita, se torna desqualificada; nós não sabemos mais encontrar a fonte da plenitude, aquilo que faz sentir que ao desejo não falta nada”. (FUGANTI, 2007, p. 3).

Bitencourt (2009, p. 109-110), com base em Deleuze, afirma que a subjetivação seria a forma de “inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder, bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles, mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos”. Nesta linha de raciocínio, Guattari e Rolnik (2005) sublinham que os processos de

¹⁹⁴ Expressão utilizada por Deleuze referindo-se a subjetividade como um processo não estático ou essência e sim um processo que vai sendo sempre desenhado e produzido continuamente. Deleuze refere-se a processos de subjetivação que está relacionado a circunstâncias que vão sendo pensadas e construídas ao longo do tempo. (BITENCOURT, 2009).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

subjetivação não são centrados em agentes individuais e nem em agentes grupais, por que se trata de processos duplamente descentrados.

Na realidade, o capitalismo fabrica formas e maneiras de pensar para servir a todos. É uma espécie de consumo do viver. Fabrica-se a receita e todos os indivíduos, todos eles deverão estar incluídos nesse consumo, nessa fábrica de subjetividades. É um modelo econômico que educa para o consumo. O consumo que enfraquece. O consumo territorializante de modos de pensar e agir. É uma educação para afirmação do homem na impotência e não para o homem afirmativo na potência, dos fluxos andantes e do desconhecido como 'meta': Devir. "Há antes de tudo uma fábrica de doenças". (FUGANTI, 2007, p. 1). Estamos falando de "uma subjetividade de natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida". (GUATARI, ROLNIK, 2005, p. 33).

O capitalismo retém para si quase toda a possibilidade de fabricação e de experimentação, vendendo informações de que o seu produto é o mais adequado para suprir as necessidades únicas e coletivas do indivíduo ou da população. Nega, portanto, as condições livres e necessárias para a criação, ação e reflexão de que podemos "fabricar tempo, fabricar lugar, fabricar os corpos, os afetos, inclusive a maneira de a gente perceber o mundo". (FUGANTI; 2007, p. 3). A questão é: "como uma formação social pode produzir corpos individuais e coletivos e subjetividades pessoais e grupais estratificados, através de modos de secretar, segregar e controlar fluxos de desejo"? (FUGANTI, 2007, p. 1).

Guattari e Rolnik (2005, p.41), postulam que "o lucro capitalista é, fundamentalmente, produção de poder subjetivo". Esses autores afirmam ainda que "é desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir" (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 49). A ordem capitalista produz:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

[...] os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala [...] em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo [...] a ordem capitalística incide nos modos de temporalização. Ela destrói antigos sistemas de vida, ela impõe um tempo de equivalências [...] (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 51-52).

Na verdade, há uma estratégia do poder para a manutenção do desequilíbrio e para a desigualdade e a exclusão social, utilizando a democracia como norteamento para tais perversidades. E nos parece que inúmeros projetos realmente transformadores das políticas públicas e/ou de mudança de estratégia política para um “bem” social estão reféns dessa rede capitalista do poder.

A saída para muitos grupos sociais – especialmente os denominados de esquerda radical que se opõe politicamente ao modelo capitalista - é um rompimento desse modelo através do poder, ou seja, a chegada ao poder ou a tomada do poder é o grande triunfo para libertar a população desse ‘mal’ social que é o capitalismo. Mas como promover a liberdade humana através do poder? Para Fuganti (2005, p. 4), “não há nenhuma vontade real de libertar os povos que estão sob o jugo do Estado”. Como se tornar potente no poder? “Não há poder que não se alimente da impotência, que não precise das paixões tristes pra viver. Todo poder, ele está fundado na impotência”. (FUGANTI, 2007, p. 2). Fuganti (2007, p. 2), nos diz que

O poder é que deixa a vida imperfeita, que deixa a vida triste, que deixa a vida tediosa, que faz nos sentir ridículos, impotentes, tristes, entediados, depressivos [...] É o poder que na verdade obstrui os poros, as passagens dos afetos, das forças, dos tempos próprios que nos atravessam e que nós não sabemos mais tocar, nós não temos mais a sensibilidade pra essas forças, não temos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mais a visão do tempo ou do imperceptível pro tempo próprio que nos atravessa, pro ritmo do nosso coração [...] A vida não está mais no acontecimento. E a gente desinveste o acontecimento em prol de uma referência.

É evidente que o discurso do poder é pautado por uma falsa idéia de liberdade e de democracia plena. O Estado utiliza a sua legitimação por parte da população, para discursar diariamente sobre a 'beleza' de se viver numa nação livre, social, solidária, produtiva e portadora de direitos para todos. Segundo Amauri Ferreira (2007, p. 4), "Não há dúvida de que o poder usa o disfarce da generosidade para exercer um domínio sobre a vida enfraquecida".

É complexa essa questão da cumplicidade humana em relação ao poder. Até porque no poder, no Estado, se passa a idéia de uma vida sem afirmação. Uma vida na moral. Uma dicotomia ou uma contradição na essência dos desejos individuais e sociais coletivos, quando, na verdade, não há essa contradição. E não é uma obediência por si só. Rodrigues (2007, p. 1), nos diz que "a obediência àquilo que nos vem do exterior, entretanto, é menos uma escolha que se faz livremente, e mais uma determinação à qual estamos obrigados a ceder, por serem as forças externas mais fortes que nós" e que por "estarmos obrigados a ela, com ou sem nosso consentimento, sempre que possível, procuramos escapar aos seus limites". Guattari e Rolnik (2005, p. 51), postula que "aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é "a" ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social".

E essa idéia de que há uma contradição entre o desejo social coletivo e os desejos individuais é um pressuposto para a invenção do Estado moderno (FUGANTI, 2005; p. 1). Para Ferreira (2008) o Estado está aí para regular fluxos de capital e favorecer a acumulação: sem isso, ele não teria função e o capitalismo não existiria. Dupla dependência: Estado-capitalismo. Dinheiro público para salvar bancos e para salvar o sistema.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A ausência do Estado, ou ainda, a permanência das práticas estatais de cunho violento e de rápida manifestação em prol da fragmentação das organizações comunitárias e a lentidão nas criações de condições para a construção de um bem social, vêm se configurando numa espécie de reprodução cultural das políticas públicas, ou seja, vem se tornando uma prática que parece ser inerente a nossa cultura política estatal/governamental. Uma marca cada vez mais forte do encontro do Estado com a população que o legitima.

E essa prática em contato com o meio produz uma política sem ética, pautada nos números e na quantidade e ainda, na continuidade e na necessidade de transmitir e perpetuar as práticas do poder que enfraquece e parece cristalizar os indivíduos na impotência.

E se o Estado e a política pública de uma nação tiver realmente ética, vai criar políticas públicas para fortalecer os homens individualmente. Para que os homens não sejam miseráveis, mas para que sejam fortes, ricos de afeto e de atitude. Sejam capazes de criar riqueza a partir de si próprio e do modo de relação. Essa é uma postura ética na própria política e que faz com que essa visão do homem enquanto lobo do homem seja simplesmente um efeito de um estado de sociedade imaturo, enfraquecido ou decaído (FUGANTI, 2005, p. 9).

Para Valter Rodrigues (2001, p. 35),

é necessário, primeiro, reconhecer as relações de força que configuram e dão sentido e materialidade ao presente. Um reconhecimento que não é só de um exterior – essa ilusão da neutralidade do cientista que observa e analisa o acontecimento –, mas também, e principalmente, da maneira como esse exterior se dobra – carregando matérias do mundo – para nós e se desdobra de nós para o mundo, implicando-nos, qualquer que seja nossa vontade, com o acontecimento, sendo nesse movimento fora-dentro/dentro-fora que cada dobra se redobra, constitui zonas de intensidade com seus diferenciais, seus pequenos territórios e suas pequenas percepções que se conectam a outras, constituindo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

isso que podemos conceber como espaço humano vivível, seja pelas ações, criações e idéias dos homens, seja pelos produtos que delas resultam.

Não basta se ter somente consciência das coisas. Não mudamos somente a partir da consciência do que é ruim pra nós. É preciso algo mais do que isso. É preciso uma educação para além do capital. É preciso escolas que eduquem as pessoas para a vida, para os encontros livres e afirmativos. Para o consumo da vida e tudo o que ela oferece para potencializar os corpos. É preciso educar para a ética. Não aquela ética normativa que enfraquece o ser, mas a ética construída dentro das relações, do devir, do novo e do bonito em nós.

E os jovens, moradores do bairro das Pedrinhas? Como subjetivam-se diante de todas essas estratégias de captura e padronização de modos de pensar e agir, criadas pelo poder, pelo sistema capitalista? Quais são os processos de subjetivação desses jovens frente as situações de violência? É preciso também buscar entender o que é violência, em particular a violência social.

Para Minayo (2006, p. 31), “a violência de cunho coletivo, tal como se expressa hoje nas grandes cidades brasileiras, constitui-se, primordialmente, como condição de manutenção de negócios ilegais, frequentemente de origem globalizada”. Logicamente, essa configuração de violência tem uma base econômica. As formas de gestão:

[...] dos negócios criminosos ou violentos são, ao mesmo tempo, internacionalizadas, capilarizadas e em rede, funcionais à promoção de uma veloz circulação financeira, de produtos e de pessoas, à sombra da desregulamentação dos Estados nacionais e nos interstícios da ausência de regulação internacional [...] são estratégias culturalizadas pelos contextos locais.

Minayo (2006) salienta que uma das formas mais perversas da delinquência organizada é a forma de inclusão dos pobres e dos jovens nos seus lucrativos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

negócios. A autora afirma ainda que esses jovens se “engajam nesses projetos e entram nos conflitos, no front dos combates como uma opção de mercado de trabalho, visando o status, o acesso a bens econômicos e de consumo” (MINAYO, 2006, p. 32). Vale ressaltar que esse processo de entrada no mundo do crime, é um ato subjetivo, “secundado e contextualizado por uma situação de extrema desigualdade, de falta de oportunidade para o protagonismo, como cidadão e de total descrença nas possibilidades de acesso ao consumo, a cultura e ao reconhecimento cultural (MINAYO, 2006, p.33).

É nesse contexto que se encontram os jovens das Pedrinhas. Numa conjuntura de crescente desemprego, exclusão social, cultural e a violência se configurando como uma escolha de mercado de trabalho, fugindo aqui, de qualquer determinismo que possa parecer como inerência da pobreza ou da exclusão social.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Kueyla de Andrade. **Passando dos limites: Processos de Subjetivação de Alunos em Situação de Risco.** (Dissertação de Mestrado). Salvador, 2009.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

FERREIRA, Amauri. **Orkut.** Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Scrapbook.aspx?uid=4454294591338252648&pageSize=&na=3&nst=-2&nid=4454294591338252648-1224319621-4757167014994731545>>. Acesso em: 16 de outubro de 2008.

_____. **A Revelação de Estamira e a Destruição da Humanidade.** São Paulo, 2007.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

FUGANTI, Luiz Antônio. Onde existe presença o poder não cola. Palestra proferida em 04 de maio de 2007 na Faculdade de Tecnologia e Ciências (campus de Vitória da Conquista, BA) durante o 1º CULPSI – **Cultura & Psicologia**. Diretório Acadêmico de Psicologia Ruben Nascimento, 2007.

_____. **Ética e política**. Transcrição de conferência realizada na Academia de Filosofia. Matola/Moçambique, em 11 de agosto de 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**; cartografias do desejo. 7. ed. revisitada. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Valter A. **Poder e (Im)potência da mídia**: a alegria dos homens tristes. São Paulo: Escola Nômade de Filosofia, 2007. Disponível em: <http://escolanomade.org/tiki/tiki-read_article.php?articleId=26>. Acesso: 10 de novembro de 2008.

_____. **Corpo, técnica e mídia**: simulações de potência. (Dissertação de mestrado). São Paulo: FCSC, 2001.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.